



O CUIDADO ENQUANTO ÉTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ETNOGRAFIA COM BEBÊS EM CONTEXTO COLETIVO DE EDUCAÇÃO

**Care as an ethics in Early Childhood Education: an ethnography with babies in
collective context of education**

Jacira Carla Bosquetti **MUNIZ**
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil
jacirabosquetti@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8448-0213> 

Patrícia de Moraes **LIMA**
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil
patricia.demoraeslima@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6565-4852> 

Cristina **TEODORO**
Curso de Pedagogia do Instituto Humanidades e Letras
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira (UNILAB)
Salvador, Brasil
cristina.teodoro@unilab.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-0850-4014> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Este texto tem por objetivo problematizar o cuidado que é vivido em um contexto coletivo de educação de um grupo de bebês, localizado na Prefeitura Municipal de Florianópolis. Parte-se da premissa de que foi possível identificar, a partir do processo de observações e registros que emergiram no cotidiano, que o cuidado é significado e vivido de modo específico por cada um dos sujeitos envolvidos. A escolha por uma etnografia com bebês foi priorizada por estar revestida como um campo epistemológico, metodológico e ético. Sendo assim, toma-se como base os conceitos que foram anunciados pelos bebês e pelas professoras e que, trazem enunciados para pensar a ética do cuidado entrelaçado aos contextos coletivos de educação, neste caso específico, o cuidado como uma relação social. Os estudos foucaultianos auxiliam a movimentar esse conceito (cuidado) a partir do cuidado-de-si. Constatou-se, a partir da pesquisa, os bebês como sujeitos potentes que interrogam à docência.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia. Bebês. Cuidado. Corpo. Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

This text aims to problematize the care that is lived in different spheres in a collective context of a babies group education located at Florianópolis City Hall. We start from the premise that it was possible to identify from the observations process and records that emerged day by day, that care is meaning and lived in a very specific way by all the involved subjects. The choice for an ethnography with babies was prioritized, for being clothed as an epistemological, methodological and ethical field. This way, we will take as a base the concepts that were announced by the babies and the teachers and that, here, bring statements to think intertwined care with collective education contexts, in this specific case, care as a social relation. The foucaultian approach helps us to move this concept (care) from caring for each other. Based on the research, babies were found to be powerful subjects who question teaching.

KEYWORDS: Ethnography. Babies. Care. Body. Pedagogical practices.

INTRODUÇÃO

Esse texto apresenta um recorte sobre os estudos em torno do cuidado a partir da pesquisa¹ de Mestrado em Educação desenvolvida durante os meses de março a dezembro de 2016 em uma Unidade de Educação Infantil² junto a Rede Municipal de Ensino de Florianópolis³. Toma-se como centralidade o grupo de bebês por se fazer necessário olhar de outro modo o sujeito-bebê, seu corpo, tempos e potencialidades para percebermos como eles indicam a partir da sua condição pré-individual⁴ um modo de existência que não é inerte, cristalizado, mas potente nos modos singulares de experienciar-se no e com o mundo. A observação contemplou 17 bebês⁵ com idade entre 4 meses a 1 ano e 8 meses e 3 professoras⁶ com horários distintos devido a diferenciação dos quadros em que suas funções estão incorporadas.

A pesquisa, contemplou 220 horas distribuídas em dias inteiros e meio período, e em dois dias, no sábado, em um total de 49 registros, que, em sua totalidade, foram lidos pela orientadora e discutidos em suas devolutivas. Alguns registros, ao longo do ano, também foram compartilhados junto as professoras para deixá-las mais seguras e para a construção de vínculos. A aproximação com o campo da pesquisa foi sendo lentamente caracterizada, dia após dia, porque não basta que a pesquisa seja consentida através de documentos, ela se caracteriza por uma permissão que vai além

¹ O projeto desta pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC) sob o nº 550888.16.0.0000.0121.

² O contexto escolhido de uma creche da Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF) foi perspectivado porque a pesquisadora Jacira Carla Bosquetti Muniz é professora de Educação Infantil desde o ano de 2003 e encontrava-se em licença aperfeiçoamento disponibilizada pela Gerência de Formação Permanente e também por acreditar e assumir um compromisso social com os bebês, crianças, professoras, famílias e funcionários da Rede de Florianópolis. Uma pesquisa realizada dentro da própria Rede de Educação produz e amplia conhecimentos a todos os envolvidos.

³ Florianópolis é a capital do Estado de Santa Catarina, na região Sul do país. O município é composto pela ilha principal, a ilha de Santa Catarina, a parte Continental e algumas pequenas Ilhas circundantes. Informações disponíveis em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Florian%C3%B3polis>>.

⁴ Esse conceito cunhado por Deleuze (1998) foi útil para pensar os bebês. Para o autor, os bebês estão imersos em um campo de imanência, sendo nesse momento, a própria vida. Eles não se configuram enquanto seres individuais, pois vivem em outra temporalidade.

⁵ As relações éticas da pesquisa foram acordadas com as famílias mantendo-se os nomes dos bebês.

⁶ Ainda que tenha-se optado em não distinguir as auxiliares de sala da professora, essa função faz parte da Rede Municipal de Florianópolis. Elas ocupam o quadro do regime Civil e as professoras, do Magistério. Essa diferenciação foi apenas exposta para ser apresentado os horários, de modo algum em um desmerecimento da função. No período matutino a auxiliar de sala chega as 7h30 e trabalha até as 13h30. A professora entra as 8h e sai as 12h para o horário do almoço, retornando as 13h; sua saída acontece as 17h. A auxiliar de sala do período vespertino entra as 12h30 e encerra seu horário as 18h30. Entre 13h e 13h30, as três profissionais encontram-se juntas na sala o que possibilita que conversem, organizem alguns momentos e materiais e, também, informem sobre assuntos referentes aos bebês, as famílias e a unidade educativa. A identidade das professoras fora preservada, desse modo, em todos os registros optou-se por referendar, professora.

do consentimento escrito, formal, mas que é travado cotidianamente através das relações. Os olhares, a indisposição marcada pelos corpos também são indicativos de que ainda não se sentem confortáveis com a presença da pesquisadora, portanto, tanto os registros escritos quanto os fotográficos e fílmicos só compuseram a pesquisa a partir do momento em que as professoras⁷ e os bebês demonstraram tranquilidade com a presença deste outro junto ao grupo. Desse modo, foram asseguradas as relações éticas na pesquisa, buscando considerar os bebês e as professoras como sujeitos partícipes do processo de pesquisa.

Como um dos eixos centrais, o cuidado tem destaque por conta da sua especificidade relacional mais aproximada na Educação Infantil, por seu caráter histórico, em especial, às práticas corporais com os bebês. Nesse sentido, a pesquisa busca tencionar o cuidado tanto no que se refere às ações de educação e cuidado com bebês no cotidiano educativo, quanto, nas ações das professoras definidas a partir de como os bebês se inscrevem nesse cotidiano e, com isso, apresentam indicativos dessas relações para práticas de atenção e cuidado. Nos termos de Maranhão (1998, p. 118):

O cuidado, embora seja muitas vezes efetivado por procedimentos com o corpo e com o ambiente físico, expressa intenções, sentimentos, significados, de acordo com o contexto sociocultural. O cuidado tem muitos sentidos e dependendo do sentido que se atribui ao ato de cuidar e a sua finalidade, podemos enfatizar alguns aspectos do desenvolvimento humano em detrimento de outros.

Considera-se, a partir das observações e registros produzidos no campo da pesquisa, que as produções de conhecimentos, as experiências e os contextos sociais e culturais, constituem um entrelaçamento nos modos de vivenciar e conceituar o cuidado. Nesse sentido, podemos inferir que um conceito não é algo inerte, mas é produzido e assume novos contornos em seu campo de imanência a partir das relações e dos modos próprios, experienciados pelos sujeitos. O cuidado, nessa perspectiva, é significado e se inscreve desde o início das relações estabelecidas daqueles que cuidam com aqueles que são cuidados.

O almoço chega às 10h e alvoroça os pequenos. Muitos choram e então vários bebês confortos são dispostos em um semicírculo com a professora na frente deles. Mais afastado estava Edson (1 ano), irmão gêmeo do Erick (1 ano) e que estava dormindo desde que chegou, isso por volta das 8h15. A professora ao vê-lo acordado, vai até o seu encontro e o leva para um dos bebês confortos que estava a sua frente indicando: - Vamos comer primeiro mano, você não comeu nada até agora, dormiu um montão. Erick ao perceber seu irmão no bebê conforto, busca uma aproximação, no entanto, a posição do bebê conforto impede que eles

⁷ Optou-se pela terminologia “professoras” por um recorte de gênero, por considerarmos serem as mulheres que compõe o maior número de profissionais que atuam na Educação Infantil. A especificidade da função de sala, no entanto, não foi caracterizada pelo reconhecimento de todas enquanto professoras.

se vejam. A professora percebe o movimento feito por Erick e diz: - É o teu mano né, vocês não se viram hoje e ao terminar de falar, vira o bebê conforto para que fiquem de frente e completa: - Convida o mano para brincar! Erick tenta puxá-lo pela camisa e seu irmão também faz força com o corpo para sair. Em seguida, Erick afasta-se do irmão e sorrindo se aproxima de mim. (Diário de Campo, 4 abr. 2016).

O entendimento sobre o cuidado requer a compreensão de uma disposição relacional e aqui, percebida nesse contexto, quando a professora em uma profunda atenção e respeito, considera a extensão do tempo em que Edson esteve sem se alimentar, bem como identifica o esforço que Erick faz para se aproximar ao irmão. Tais ações, sutis e não mecânicas, de respostas ao outro, traduzem uma ética que se coloca na relação, evidenciada por uma não indiferença justamente porque miramos o outro e o reconhecemos permanentemente como necessário para alterar nosso próprio sentido de existência. Skliar (2013)⁸ traduz a ética como “vigília”, como uma atenção aquilo que nos afeta. Nesse sentido, cuidar requer ética. Uma ética do cuidado que se mostra implicada e responsável. A ética do cuidado exige atitude, disponibilidade, prática e atenção. Encontros com adultos, com bebês e crianças que, ao compartilharem esse espaço coletivo, destacam suas afecções nos modos de estar presente, não sendo alheios às relações que vão sendo estabelecidas. Uma ética do cuidado revestida pedagogicamente por uma prática respeitosa, que vê o bebê como um sujeito de direitos que atua, interroga e potencializa as relações. A concepção que se tem de bebê que se altera a partir dos diferentes contextos sociais, culturais, geográficos, também atuam sobre os modos que o cuidado se apresenta, portanto, reconhecer que os bebês são atores sociais, que agem e que interferem na vida coletiva antes mesmo dos seus primeiros contatos no mundo, vai alterar, inclusive, as relações sociais.

A vigilância necessária para assegurar a ação das crianças na relação com coetâneos e não coetâneos é parte da constituição de sua cidadania ativa, que se caracteriza pela consideração dos bebês como sujeitos políticos, que nascem com direitos inalienáveis, que possuem leituras sobre e agem no mundo. É nosso papel assegurar tal prerrogativa dos bebês, o que fortalece ainda mais o diálogo intergeracional, se os bebês são sujeitos potentes, que pensam, desejam, interagem, eles não o são sozinhos, precisam de adultos conscientes das suas capacidades e comprometidos com a sua condição humana e com o seu bem-estar. (Coutinho, 2019, p. 61).

Assim, ao falarmos em cuidado nos referimos a relações e estas precisam ser humanizadoras. Os conceitos que alargaram a pesquisa configuram-se em enunciados que possibilitam pensar e problematizar a educação e o cuidado dos bebês e das

⁸ Vídeo disponível em <https://www.fundacionluminis.org.ar/video/el-lugar-del-otro-en-los-discursos-sobre-la-inclusion-y-la-diversidad-carlos-skliar-parte-1>.

crianças que convivem nos contextos coletivos de educação, assim, o cuidado aparece sobre três contornos, a saber: i) o cuidado como uma relação social; ii) o cuidado como constitutivo e não interventivo; e iii) o cuidado enquanto singular. Dentre esses enunciados, nos deteremos nesse texto sobre o cuidado como uma relação social.

O CUIDADO EM LINHAS (IN)VISÍVEIS

A menina não palavreava. Nenhuma vogal lhe saía, seus lábios se ocupavam só em sons que não somavam dois nem quatro. Era uma língua só dela, um dialeto pessoal e intransmível por muito que se aplicassem, os pais não conseguiam percepção da menina. Quando lembrava as palavras, ela esquecia o pensamento. Quando construía o raciocínio perdia o idioma. Não é que fosse muda. Falava a língua que nem há nesta actual humanidade. Havia que pensasse que ela cantasse. Que se diga, sua voz era bela de encantar. Mesmo sem entender nada as pessoas ficavam presas na entonação. E era tão tocante que havia sempre quem chorasse. (A menina sem palavra, Mia Couto, 2013).

Um conto que anuncia o esquecimento de si mesma e a busca pela identidade que se perde em meio a um não sentido de pertencimento. Igualmente como o conto de Mia Couto – a menina sem fala - vivido por esta menina que além de não falar não consegue ser compreendida pelos outros, busca-se uma aproximação ao cuidado, este conceito que está tramado em uma historicidade, mas que de certo modo, precisa despir-se para enfim, tomar forma a partir de outras provocações e lugares. Um lugar de antemão (in)visível e que ganha novos contornos à medida que vai se desenrolando nas linhas por ele traçadas.

Não se tem a pretensão de venerar nem tão pouco, corroborar com os estudos que em função de um pensamento colonial, acomodam o cuidado em uma perspectiva instrumental e universalista. Cabe a nós, um esforço para decolonizar o pensamento e com ele, construir outros possíveis em outros lugares.

Muitas são ainda as discussões provenientes do cuidado nos espaços de Educação Infantil, em razão de sua historicidade, isso porque “[...] a história da tensão entre assistência e educação marcou grande parte da trajetória da educação infantil no Brasil, principalmente das creches, e constitui uma das origens da separação entre cuidado e educação” (MONTENEGRO, 2005, p. 77). Por conta disso, é necessário refletir sobre as concepções que o definiram historicamente e o quanto ainda carregamos essa memória em nossas práticas educativas, visto que “[...] uma das dificuldades de obter mais clareza conceitual deve-se, possivelmente, ao componente emocional que o cuidado

encerra” (MONTENEGRO, 2005, p. 83). Assim, Fúlvia Rosemberg⁹, (2015, p. 169) atenta para o modo que as creches surgiram e se consolidaram no Brasil:

É necessário assinalar que a educação infantil foi forjada em torno de duas situações: de um lado, o jardim da infância, “semente” histórica (para permanecer na metáfora) da pré-escola, integrado ao sistema de ensino, atendendo preferentemente crianças de 4 a 5 ou 6 anos; de outro lado, a creche, vinculada às instâncias da assistência, sem carreira profissional formalizada. A tendência à unificação foi recente, incompleta e ameaçada...]. (ROSEMBERG, 2015, p. 169).

Em virtude da creche surgir a partir de um projeto de educação assistencialista, com fins de minimizar as questões sociais, com visibilidade para atender as famílias mais empobrecidas e, tidas como aquelas que não possuíam condições para cuidar dos seus filhos, o cuidado é demarcado com ênfase no sentido de assistir o outro, em especial atenção ao corpo, a saúde e alimentação. Guimarães (2017, p. 90) destaca:

Em algumas cidades do país, as primeiras creches substituíram a Casa dos Expostos, com seu caráter assistencial e de guarda voltado ao atendimento das crianças e famílias empobrecidas. Apresentavam elementos que marcaram por longos anos a história da creche na sociedade, como o seu caráter caridoso, a especificidade da faixa etária, a qualidade das mães como pobres e trabalhadoras, conforme apresentado no relato do jornal A Mãe de família¹⁰. As instituições de assistência à infância eram vistas com preconceitos, pois eram lugares de crianças pobres e carentes marcados pelo cuidado com o corpo, saúde e alimentação.

Na história da educação infantil, segundo Kramer (2020, p. 5) o cuidado foi campo de estudo para muitos pesquisadores e estes trabalhos, pioneiros, foram essenciais na constituição dos documentos oficiais, dentre eles:

Campos e Rosemberg (1995), Craidy (1994), Kramer (2003) Faria (1999), Montenegro (2001) e Tiriba (2005), entre outros, foram fundamentais para trazer o tema para a realidade do trabalho com as crianças na Educação Infantil, articulando educação e assistência, também entendida como o direito, muito além da visão assistencialista de guarda ou tutela. Movimentos sociais, pesquisadores e profissionais de educação buscavam concepções teóricas de modo a aprofundar propostas políticas e alternativas práticas.

Frente a esse avanço, observamos a relevância e a caracterização do educar e cuidar em documentos orientadores, afirmando que essas práticas são indissociáveis.

⁹ De acordo com o editor deste artigo de Fúlvia Rosemberg - Este texto foi produzido por Fúlvia Rosemberg e apresentado na Anped 2008; depois, foi remodelado para o Seminário Internacional de Primeira Infância, em junho de 2014. Esta última versão estava escrita em espanhol e foi traduzida por Denise Radanovic.

¹⁰ A Mãe de Família: era um periódico brasileiro, apresentado como Jornal Científico, Litterario e Ilustrado, que entre os anos de 1879 a 1888, no Rio de Janeiro, publicava matérias com discursos médicos e higiênicos destinados as “senhoras” com fins de auxiliar na construção de uma identidade materna além de também revelar as concepções iniciais das creches no Brasil.

Inicialmente, encontramos no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998)¹¹, que atenta para uma das orientações expostas:

Propiciar situações de cuidado, brincadeira e aprendizagens orientadas, de forma que possa contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança e o acesso pela criança aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL, 1998, p. 23-24).

Posteriormente, o parágrafo III, do Artigo 3º da Resolução CEB nº 1, de 7 de abril de 1999 que trata sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil demarca que,

As Instituições de Educação Infantil devem promover em suas Propostas Pedagógicas, práticas de educação e cuidados, que possibilitem a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivo/linguísticos e sociais da criança, entendendo que ela é um ser completo, total e indivisível.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009), em sua versão revisada amplia o entendimento sobre a ética do cuidar, implicado a ação de educar:

A dimensão do cuidado, no seu caráter ético, é assim orientada pela perspectiva de promoção da qualidade e sustentabilidade da vida e pelo princípio do direito e da proteção integral da criança. O cuidado, compreendido na sua dimensão necessariamente humana de lidar com questões de intimidade e afetividade, é característica não apenas da Educação Infantil, mas de todos os níveis de ensino. Na Educação Infantil, todavia, a especificidade da criança bem pequena, que necessita do professor até adquirir autonomia para cuidar de si, expõe de forma mais evidente a relação indissociável do educar e cuidar nesse contexto educar e cuidar mais associados. (BRASIL, 2009, p. 10).

O binômio educar e cuidar se constituiu, a partir de discursos e práticas, no entanto, ainda historicamente somos afetados por essa dualidade, forçados a partir de uma determinada concepção de infância. De acordo com Tiriba (2005, p. 1):

O binômio cuidar e educar é, geralmente, compreendido como um processo único, em que as duas ações estão profundamente imbricadas. Mas, muitas vezes, a conjunção sugere a idéia de duas dimensões independentes: uma que se refere ao corpo e outra aos processos cognitivos. Nos textos acadêmicos, nas propostas pedagógicas, nas práticas, assim como nas falas de profissionais educadoras de creches, muitas vezes, mais que integração, o binômio expressa dicotomia. Em razão de fatores sócio-culturais específicos de nossa sociedade, esta dicotomia alimenta práticas distintas entre profissionais que atuam lado a lado nas escolas

¹¹ Em 1998, o MEC publica três volumes do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, BRASIL), assim, torna-se importante mencionar que embora este documento seja utilizado no texto, existem críticas a sua construção, especialmente porque o documento tem uma lógica escolarizada, desse modo, os documentos que foram escritos posteriormente buscaram romper com ela. Essa ação se dá porque os documentos provocam ao mesmo tempo distintos sentimentos: se por um lado esses referenciais consolidam os espaços de Educação Infantil como propositivos para diversificadas experiências estabelecidas entre os sujeitos, de fato também anunciava uma aproximação ao Ensino Fundamental demarcado a partir de perspectivas de conteúdo, de avaliação, de ensino e do viés psicologizante.

de educação infantil, especialmente nas creches: as auxiliares cuidam e as professoras realizam atividades pedagógicas.

Essas dicotomias produzidas desconsideram o processo de constituição do sujeito que é atravessado pelas relações sociais entre cultura/natureza, desse modo, é preciso tencionar o quanto a partir da modernidade nos afastamos daquilo que nos constitui, tornando-nos fragmentados e opostos em aspectos fundamentais da nossa existência. Isso porque, segundo Prout (2010, apud ALANEN, 2001), é necessária uma abordagem mais híbrida entre essas dimensões, fato que se apoia por ambas as concepções se entrelaçarem na constituição humana. Em face disso, o corpo tem se apresentado tradicionalmente em uma dicotomia em que pese de modos distintos o momento inicial da vida – natureza – o seu biológico e – cultura – o seu social. Por uma lógica racional, fomos retirados de uma experiência de mundo por conta de civilizar o próprio natural. Quanto a isso, Prout (2010) destaca a importância de pensarmos no 3º excluído considerando a natureza como um aspecto da humanidade e não contrário ao humano. Esse apego a uma racionalidade conduz apropriações, ao tempo em que distancia de outras esferas mais sensíveis e singulares. Sobre esses dualismos, Prout (2010, p. 736) esclarece:

É bem conhecido o argumento de Bruno Latour (1993) de que os dualismos da modernidade surgem da separação radical que se estabelece entre cultura e natureza, separação que, ele sugere, foi a condição histórica para a criação das “ciências naturais”. Nesse arranjo, a “ciência” encampou a “natureza”, pensada como cultura externa, como seu objeto, enquanto “cultura” e “sociedade”, pensadas como externas à natureza, foram deixadas para o que viria a ser as “ciências sociais”.

Nesse sentido, é importante destacar o quanto nos distanciamos da noção de sujeito integral porque vivemos “oposições dicotomizadas da teoria social moderna” (PROUT, 2010, p. 749). Para Tiriba (2005) o binômio educar e cuidar revela as separações entre corpo/mente, razão/emoção, natureza/cultura. Segundo a autora, quando nos anos 90 as creches foram incorporadas ao sistema de ensino, as atividades de cuidado desenvolvidas nas creches foram integralizadas junto as atividades de cunho pedagógico das pré-escolas, resultando em uma solução conceitual. Contudo, este binômio tende a dicotomizar uma vez que o cuidar está atrelado ao campo das emoções e do corpo, contrapondo-se a razão e ao conhecimento, marca forte da sociedade ocidental. Todavia, Montenegro (1999) em sua tese sobre o cuidado e a formação moral na educação infantil revela que existe no ato de cuidar racionalidade e afetividade, justamente pela etimologia da palavra cuidado. Sendo assim, torna-se indiscutivelmente necessário ampliarmos as lentes pelas quais nos debruçamos a olhar

o cuidado, pois mais do que uma perspectiva instrumental, o cuidado implica uma dimensão relacional autêntica, ética e humana. Para Kramer (2020, p. 5)

Nos últimos anos, resultados dos estudos desenvolvidos a partir dessa temática apontam o desafio de romper com uma perspectiva instrumental na qual o cuidar complementaria o educar. Tais estudos contribuem para uma fundamentação teórica alicerçada na concepção de cuidado que extrapola a dimensão instrumental.

Especialmente em se tratando de bebês, essa perspectiva instrumental endossada culturalmente tende a desqualificar as relações vividas nos espaços coletivos de educação uma vez que trocar fralda, alimentar, pôr para dormir não necessariamente requerem uma formação específica, com isso, pedagogicamente, é difícil compreender que uma professora de bebês possa educar. Esse caráter de guarda, de caridade as crianças pobres, existente nas creches, tem sua história de longa data, “a proveniência social e não a institucional das instituições é a responsável pela origem dos diferentes objetivos educacionais presentes nas propostas de instituições e na história do atendimento da infância” (GUIMARÃES, 2017, p. 95).

A partir de tais elementos, voltamos a tencionar o modo pelo qual o cuidado se inscreve, uma vez que em um espaço de educação coletiva o cuidado é inscrito a partir do nosso lugar social na vida pública do bebê. Com isso, devemos problematizar o modo como o cuidado vai contornando as relações pois o principal enfrentamento é com o nosso olhar, naquilo que nos abre a visão, mas também, naquilo que pode sufocar, prender o outro. É necessário expandir a visão e nos aproximarmos aos aspectos culturais e sociais por onde os bebês se inscrevem porque estes tomam cena importante no diálogo com os espaços de Educação Infantil.

Gottlieb (2013, p. 219) antropóloga e pesquisadora, traz suas contribuições ao pensar sobre o cuidado quando enfatiza que “[...] o padrão Beng de cuidar de bebês se encaixa na crescente conscientização entre os acadêmicos de que, em muitas sociedades, o cuidado com os bebês é mais coletivo do que uma responsabilidade individual (da mãe)”. Desse modo, os saberes, as tessituras sociais, as culturas estão sendo narradas nos contextos de Educação Infantil? Conhecemos de fato outros espaços? Valorizamos a vida das famílias, fora do espaço coletivo de educação?

Existe uma cultura heterogênea que se expande nos espaços coletivos. Essa cultura plural, familiar e de pares desloca a homogeneidade eminentemente preponderante nos espaços da creche e rende-se a essa complexidade que precede das culturas oriundas por meios das organizações familiares. É inevitável, porém, que a creche articule essas culturas – que não são suas – com as suas especificidades,

dobrando-se a um modo outro de educação. Esse modo outro de educação é sinalizado a partir da necessidade de perceber esses bebês que chegam nesse espaço e que, muitas vezes, precisam abandonar seus elos com o mundo exterior no qual, não em permanente, mas provisoriamente, precisam afastar-se. É recorrente ouvirmos que o bebê precisa ser mais autônomo e menos “apegado” com os artefatos que lhe causam memórias. Mas qual seria o sentido? Como não ser possível trazer consigo as memórias dos cheiros, das cores, das melodias? Como não há espaço para que o bebê viva em outros espaços que se diferem e promovem socialização fora da instituição de educação coletiva? Se “a linguagem da ética é uma linguagem acústica porque a ética é uma forma particular de escuta” (SKLIAR, 2013), como não reconhecer as linguagens das experiências que nos chegam e que precisam ser hospedadas, cuidadas?

DESVELANDO OS MODOS DE CUIDADO: UMA ETNOGRAFIA COM OS BEBÊS

A etnografia é um fio, uma trama, que você se encontra com o outro e este o faz questionar sobre seu próprio lugar diante dele, diante do mundo, assim, é a partir dessa relação de inquietude e de abertura que nos constituímos. Ancoradas por uma metodologia que se configura no tempo prolongado, na observação sensível, na aproximação aos sujeitos, a etnografia busca conhecer e reconhecer os bebês nesse contexto no qual estão *temporariamente* inseridos. Enfatiza-se desse modo pois a observação se dá exclusivamente nesse contexto, embora reconheça-se de que os bebês transitam por outras esferas sociais, culturais, familiares e que esse arcabouço de elementos os constitui. Assim, não há como pensá-los em um modo social único, neste caso, a creche.

Falar sobre a etnografia é deixar escapar e agarrar, fugir e retornar, desprezar e juntar, construir e desconstruir pensamentos e reflexões vividos e revividos ao longo dos oito meses da pesquisa. Transpor ao texto diálogos se torna mais simples do que fazê-lo transpondo sentimentos, curiosidades, experiências, silêncios, olhares. Assim, a escrita é a expressão do pesquisador nesse percurso onde ele se move. Mas também, de transgressão metodológica (CORAZZA, 2006, p. 123), como uma permissão a um não saber absoluto. Desse modo, como descrever trazendo as sensações vividas nos abraços, arrepios, sorrisos, olhares infundáveis, choros, colos e toques? Sendo uma relação visceral, como simplesmente descrevê-las? Como a experiência de ser bebê naquele contexto proporcionou uma aproximação ao cuidado, uma vez que o campo é

um recorte de quem atua na pesquisa, no caso para a pesquisadora, mas para os sujeitos é a vida deles? E, por onde o cuidado transitava ou como o cuidado foi sendo construído a partir desse território no qual convivíamos?

Ao estar no campo é fundamental perguntar e saber quem são os bebês que ali estão, como um exercício de desconstruir o pensamento já instaurado, sedimentado, para que possamos construir junto com estes sujeitos, conhecimentos a partir de suas narrativas. A etnografia, nesse sentido, atualiza os conceitos nesse campo de imanência a partir do que os bebês nos informam. Esse conhecimento é o que inevitavelmente vai definindo a pesquisa. O etnógrafo deve perceber os modos distintos de viver, significar e ser dos nativos. Desse modo, como compor o texto trazendo o que é revelado nesse campo? Os bebês trazem suas narrativas e mostram seus desejos e suas experiências de mundo, pois,

Os bebês falam, falam de modo a desconstituir o instituído, amputações, rompimentos de poder, outras falas ditas, a linguagem dos bebês está em variação contínua, contém toda a pluralidade que a cultura vai podar! Aprender a escutar é o caminho para nos livrar da maldição da palavra maior. (LOPES; MELLO; PEREIRA, 2019, p. 563).

Para os bebês, os adultos são referências a partir de suas condutas pois é uma relação dialógica. Assim, o bebê ao ser atendido, percebido nas suas singularidades, traça paralelamente uma linha de aproximação aos outros com os quais também constrói relações.

Otávio (1 ano) demonstra estar incomodado. Alimentou-se pouco, conforme as professoras relataram. Sua temperatura foi medida várias vezes, estão acompanhando-a. O cuidado está sendo evidenciado tanto pelas ações das professoras quanto dos seus pares que se aproximam. Otávio levantou do colchão e meio cambaleante caminha pela sala. Trouxe uma almofada na mão. Olha ao redor, ouço um gemido. Larga a almofada no meio da sala e deita. Ítalo (9 meses) que estava brincando com a garrafa de plástico, o observa. Ele toca com as mãos na cabeça de Otávio. A professora senta ao seu lado para deitá-lo no colo e assim, medir sua temperatura. Dessa vez, Catarina (11 meses) é quem se aproxima, o observa deitado, encosta as mãos em seu rosto. Otávio não demonstra recusa a este contato e eles ficam se olhando até o momento que a professora o leva para descansar em outro espaço. (Diário de campo, 30 jun. 2016).

A necessidade apresentada por Otávio, dispara nos sujeitos a ação em cuidar, nesse caso não somente demarcada aos profissionais, mas de certo modo aos bebês que convivem e compartilham o mesmo espaço, isso porque, não há como ficar alheio a esse movimento. Os bebês acessam esses cuidados inicialmente a partir do outro, em especial o adulto, e vai resignificando, trazendo outros elementos em suas interações. Suas aproximações são percebidas como quem leva conforto aquele que necessita de atenção naquele momento. Nas palavras de Macêdo e Dias (2006, p. 3), “[...] as

emoções são formas privilegiadas de comunicação da criança. As professoras devem compreender e ler tais expressões, assim como devem saber administrar o fluxo emocional no interior dos espaços pedagógicos infantis”.

Os bebês revelam através de choros, irritação, afastamento, incômodos seus desconfortos e necessidades, assim, estes elementos também são percebidos pelos bebês que se aproximam dos seus coetâneos e procuram, de modo cuidadoso, prestar-lhe um conforto. Essas ações não se distanciam dos elos, seja com os adultos de referência no espaço de educação coletiva, quanto nas relações com os quais se socializa em outros contextos. Para Wallon (1995), existe uma interdependência entre o desenvolvimento afetivo e o cognitivo, ou seja, quando os bebês demonstram afecções, existe, em concomitante, uma ação social que incide diretamente na vida coletiva e no desenvolvimento do ser humano.

Compartilhar a vida coletiva a partir de uma pesquisa com bebês, requer um tempo prolongado no campo de observação para que as relações possam tornar-se mais intensas e os bebês se familiarizem com a presença da pesquisadora. A observação é um convite a me inscrever na relação, “[...] há olhares que saem a buscar outros olhares, sem desfazê-los. Olham-te e inauguram experiências, assombros, corpos, novas palavras e, então, pensamentos” (SKLIAR, 2012, p. 84). Embora sejam muitas as expectativas que a pesquisadora traz consigo, mais certo ainda é reconhecer que “perder o olhar nos tira o universo” (SKLIAR, 2012, p. 85) porque o olhar por vezes é frágil, inseguro, sensível, mas também pode revelar-se destemido, impiedoso, violento. Não há, pois, em pesquisa, uma linearidade ou previsibilidade mesmo que o olhar não retire suas vestes, não fuja no tempo, não destoe a atenção. Os bebês apontam que tudo ocorre simultaneamente e que, de fato, precisamos atentar-nos para que os detalhes sejam percebidos na ligeireza que os momentos por eles são experimentados. Com eles aprendemos que os instantes são valiosos e que sempre dizem ou interpelam, se realmente sensibilizarmos nesse olhar que retira, mas que também, aproxima.

Assim, do mesmo modo que reconhecer essa multiplicidade simultânea de relações (SCHMITT, 2014) na pesquisa, é também reconhecer que os bebês exigem ações das professoras ao atender, observar, aguardar, apoiar, acalantar, ouvir, recomençar... Considerar que as necessidades dos bebês exercem um valor perante os adultos e que também refletem nos modos pelos quais os bebês significam suas relações. Essa interferência dos adultos nas ações permanentes dos bebês é possível também de ser localizada nas ações que são oferecidas pelos bebês em seus processos interativos.

Miguel Mergner (1 ano e 2 meses) acorda. A professora conversa com ele e indica que já está indo. Ela se aproxima e o embala. Enquanto ela permanece ao seu lado ele mostra-se um pouco mais tranquilo, no entanto, quando ela se afasta ele chora. A janta chega e a professora oferece logo em seguida a ele. Quando vai atender outro bebê e se desloca, Miguel volta a chorar. Paulo (1 ano e 3 meses) se aproxima e o observa. Junta sua fralda e oferece a ele. Miguel permanece chorando sem dar atenção a Paulo que na sequência coloca a fralda no colo de Miguel. Paulo o observa por um longo tempo e depois caminha até aproximar-se a Ítalo (1 ano e 1 mês) que brinca dentro do cesto de brinquedos. (Diário de campo, 13 out. 2016).

Imagem 1: Das ações de afecções dos bebês



Fonte: Pesquisadora, 13 out. 2016.

Em distintas situações os bebês indicam afecções a partir de suas ações protetivas e até mesmo de consolo. Paulo em uma aproximação a Miguel que se mostra em uma situação que lhe causa desconforto, procura consolá-lo e, para isso, utiliza como estratégia, o artefato de uso pessoal do próprio Miguel. Para Schmitt (2014, p. 251), “[...] as relações sociais entre os bebês se constituem pela condição de não indiferença deles entre si. Ou seja, os bebês se percebem e respondem a manifestação de suas presenças”. Ao entregar a ele sua fralda, Paulo indica o reconhecimento de que aquele objeto é de pertencimento do outro. Essa ação também sugere a capacidade de associar o choro a seu *cheirinho*, muito utilizado nesses momentos pelas professoras do grupo, em uma ação que reproduz as ações visibilizadas. Este cheirinho, aqui identificado como “objetos transicionais” (SCHÉRER, 2009) servem como aproximação e apreensão ao mundo exterior, visto que, os bebês estão vivendo outras formas de relacionamentos e com isso, constituindo-se enquanto sujeitos.

Por este horizonte epistemológico, a proximidade aos sujeitos por dentro dos espaços sociais e culturais (LIMA, 2021) para que se possa olhar de perto e de dentro (MAGNANI, 2002) é condição *sine qua non* para a experiência da pesquisadora. A etnografia é a escrita do visível (Laplantine, 2004), e podemos acrescentar que também é do vivido, dos sentidos. É uma escrita posicionada, política, engajada. Se neste lugar os bebês constroem sentidos e se constituem, é obrigatório pensar a etnografia em uma relação vital com a interseccionalidade uma vez que os marcadores raça, classe, gênero

transversalizam os construtos sociais e culturais, implicando, sobremaneira, nas experiências em torno do cuidado e dos seus contornos presentes na vida. Para COLLINS; BILGE (2020, p.18), em determinada sociedade, em determinado período, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes. De fato, essas categorias se sobrepõem e funcionam de maneira unificada. Além disso, apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social.

Nesse sentido, considerando a dimensão relacional do cuidado, é necessário reconhecer que cuidar de si e do outro, envolve corpos de sujeitos marcados por seus pertencimentos de gênero, raça, classe, etnia, e que a prática da ética do cuidado requer um posicionamento político de reconhecer que todos bebês em suas potencialidades, devem receber cuidados humanizados, sem que seus marcadores sociais, sejam utilizados para oprimir. Demanda, assim, consciência de que o modo como se relaciona com o outro – bebê - e, o cuidado que a ele é destinado, necessita ultrapassar a lógica da moral, ou seja, como afirma Skliar (2013), aquela que destitui o outro da relação, ignora, rejeita e torna-o abjeto.

O cuidado como uma relação social

O cuidado sempre está atrelado a uma relação social, pois não há como constituí-lo sem estar diante de um outro. O horizonte ético do cuidado, perpassa pelo que o constitui, no caso, as relações humanas. Foucault (2010) auxilia a pensar o cuidado como uma disposição ética a partir da formulação genealógica sobre o cuidado de si. Para o autor, o cuidado encontra-se tramado por uma disposição ética e que não se encontra dissociado de uma prática de atenção sobre si mesmo, ou seja, uma “prática de ascese” (FOUCAULT, 2010), vinculada a um exercício sobre si para que possa se conhecer e alcançar um modo de ser no mundo. Dessa forma, pensar o cuidado enquanto ética implica ocupar-se consigo mesmo, pensar nas relações e, sobretudo, a nossa posição, o nosso lugar diante dessas relações. Portanto, o autor afirma que “é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo” (FOUCAULT, 2010, p. 6).

Isso posto, é importante destacar que contemporalizamos a noção de cuidado e nos distanciamos, sobretudo, de como ele foi praticado tal como na referência histórica da pesquisa do autor, percebemos que o cuidado não é uma via individual, mas, é

permeado por relações, ou seja, carrega uma dimensão relacional. O cuidado, enquanto prática, anuncia ao outro que quanto mais tenho consciência sobre o que faço, mais estabeleço com o outro uma relação cuidadosa, assim, o cuidado de nós mesmos está intimamente ligado a condição de conhecer o outro. O cuidado é experienciado por quem cuida e por quem é cuidado porque sendo relacional, ambos são afetados. Assim, o cuidado é uma prática de relação coletiva e está atrelado a uma dimensão ética isto porque, a ética precisa da relação com o outro para existir e se fazer presente pois fora dela o que vigora é a moral. A moral destitui o outro da relação, ignora, rejeita, torna-o abjeto. A ética não pode se iniciar por uma ótica (Skliar, 2013) porque sendo desse modo, não mira o singular e sim, a universalidade. A universalidade não reconhece as histórias particulares, as narrativas, as experiências individuais. Ela rompe com a possibilidade de experienciar-nos na relação com a diferença.

Partilhamos da concepção da ética (FOUCAULT, 2010), como “a prática refletida da liberdade” assim, o cuidado de si é um cuidado primeiro, ontológico que converge para um saber sobre a vida de cada um na relação com o outro.

Através da perspectiva foucaultiana, podemos pensar o cuidado nos espaços de Educação Infantil e mais especificamente, nas práticas educativo-pedagógicas com os bebês para além da esfera do cuidado/governo? (GALLO, 2008). Se o cuidado de si está implicado com o cuidado de nós mesmos, como dou atenção ao meu olhar, ao meu toque, às minhas ações cotidianas, ao tom da minha voz quando encontro-me com o outro-bebê? Reconheço a importância desse outro na relação e na própria constituição das nossas práticas educativo-pedagógicas? Renuncio a saberes preconcebidos para olhar o novo, o inusitado, a diferença? Será que conseguimos de fato alcançar aquilo que nos chega através do outro, especialmente se este que nos chega for um bebê? Carlos Skliar (2003, p. 47) interpela nosso saber sobre o outro uma vez que “as identidades não podem ser temporalmente alcançadas, capturadas e domesticadas”.

Nessa perspectiva, não há como nos retirarmos do lugar social do encontro - professora e bebê - e com isso, nos atentarmos sobre o quanto nossas ações e o tempo que vivemos estas relações, implicam na constituição da nossa humanidade. Nessa provocativa, “o que fazemos de nós diante dos bebês? ” (LIMA, 2021, p.16). Nesse sentido, o cuidado é mais que apenas um momento individual de atenção, é responsividade, entrega e envolvimento emocional com o outro. É o reconhecimento que desponta pela experiência da relação que existe, dos encontros que são vividos, das possibilidades criadoras de afetos, de doação, de respeito as mais belas

experiências. É a abertura para as relações a partir daquilo que nos afeta, daquilo que são pontos de partida para nossas miradas.

Lorenzo (1 ano e 3 meses) observa a professora colocar o casaco em Ítalo (1 ano e 1 mês). É final de tarde e o tempo começa a apresentar um ar gelado. A professora pergunta: - Queres botar o casaco Lorenzo? Ele balança a cabeça e passa a mão no braço. A professora indica que irá buscar e quando retorna avisa: - Não tem casaco tá, é blusa. Nesse momento, abaixada aguarda o tempo de Lorenzo para que possa colaborar em vestir a blusa. Entre muitas tentativas, Lorenzo insiste. Seus braços procuram acessar o buraco da blusa. Cambaleante mostra-se esforçado. Seu corpo movimenta ora com as pernas que se deslocam, ora com os braços que levantados procuram encontrar a fenda. A professora incentiva e o pequeno encerra o momento com um sorriso e um passar das mãos pela blusa que acabou de vestir. (Diário de campo, 27 out. 2016).

A mirada impede de nos retirarmos do lugar social do encontro. É uma condição da ética que se desdobra no reconhecimento a esse outro, partícipe da relação, assim, para Lorenzo, a forma como o cuidado entrelaça a relação irá alimentar a constituição dele enquanto um sujeito que possui importância no mundo. A professora percebe os indicativos dados por Lorenzo para colocar o casaco, bem como, aguarda o tempo dele nesse movimento de vesti-lo. A disposição nesse movimento de acessar o outro, altera o próprio lugar e a posição da professora pois é pela possibilidade desse encontro que nos transformamos, "porque sem o outro não seríamos nada [...] Porque se o outro não estivesse aí, só ficaria a vacuidade e a opacidade de nós mesmos" (SKLIAR, 2003, p.29).

A aproximação aos bebês para ouvi-los e percebê-los em sua inteireza, talvez seja o modo mais complexo na relação que se constitui. Os bebês, através de seus canais de comunicação, sinalizam serem pertencentes a um lugar que é novo, mas, ao mesmo tempo, que recebe o contorno de suas singularidades. Por sua condição biológica, os bebês apresentam uma dependência dos adultos, no entanto, a especificidade na relação com os bebês para Wallon (1995), não se torna uma desvantagem pois a dependência do cuidado implica em uma relação. O cuidado, desse modo, propicia a relação. A professora só acessa o bebê pelo seu corpo, e ele, por sua condição pré-individual faz com que ela se desloque em uma atenção radical para aproximar-se e assim aprender as suas linguagens. Para Shérier (2009, p.169, grifos no original) "[...] a criança *tem* seu corpo sob o modo do ter, por outro lado, ela é esse corpo sob o modo do ser", um corpo que ultrapassa a biologia, os limites e a interrupção e é sensível, aberto ao mundo, potente. Um corpo brincante e falante de sua própria língua que interrompe o que já sabemos, assim, os bebês exigem que a professora

decline de conhecimentos preconcebidos e de interpretações para, de fato, estar em relação. Conforme Maranhão e Sarti (2007, p. 258):

A dependência do recém-nascido, na espécie humana, aliada a sua capacidade de expressar as necessidades básicas pelo choro, mímica facial e outros movimentos corporais, desperta no adulto emoções e atitudes de cuidado, ao mesmo tempo em que possibilita a interação necessária entre ele e aquele que cuida, humanizando-o.

Esses encontros individuais nos provocam a refletir sobre como nossas práticas educativo-pedagógicas precisam estar assentadas no modo como vemos o bebê como um sujeito de ação, capaz de nos informar e comunicar seus interesses e necessidades. Para além de um conformismo ou de um olhar negativo que incapacita, inferioriza o ser e suas potencialidades, é importante destacar o que os bebês apresentam frente aos desafios. Talvez muito complexo e observado em uma visão *superficial* pelo adulto, nunca conseguiremos mensurar as estratégias, os limites, as elaborações de pensamento, a insegurança, o medo, o temor e a ousadia que implicam as experiências dos bebês.

É nesse esforço que olhar para os bebês em uma relação dialógica, traduzida no modo a reconhecer a presença do outro como sujeito com capacidades, potencialidades: é o acontecimento de um devir. Para Gil (2006, p. 126): "O que é um devir senão a experimentação de todas as nossas potências – afetivas, de pensamento, de expressão?". O bebê é curioso e se expressa por um corpo que é vivo. Portanto, a importância de enfatizar o corpo do bebê em seu inacabamento, não como orienta o discurso pedagógico da falta, mas enquanto potência que instaura outros modos de pensar à docência com/para as crianças pequenas em espaços coletivos de educação.

Assim, muito peculiar, a disposição do adulto torna-se constante em atender as necessidades dos bebês, isso porque a particularidade de sua condição, nesse momento de vida, é instaurada por sua dependência. No entanto, essa dependência do bebê perante o adulto não pode ser tomada como ausência naquilo que lhe falta perante as crianças, porque é justamente nisso que as relações se diferenciam e tornam-se potentes, quando são reconhecidas numa relação de interdependência. Assim, a ação docente é afetada por enunciados dos bebês que provocam, interrogam e alteram a vida coletiva, pois a docência precisa interromper, organizar e reorganizar suas ações em detrimento das necessidades e demandas dos bebês. Entendemos que essa condição pré-individual do bebê é um fator que ensina a professora, uma vez que nesse tempo, ela precisa tornar-se mais perceptiva, se especializar em uma linguagem que

não é da palavra e assim, transitar por uma ordem mais sensível, aproximando-se daquilo que racionalmente temos nos afastado.

Edson (1 ano e 2 meses) está chorando e a professora diz a ele: - Calma Edson, já vou te pegar tá? A professora está balançando Gabriel (10 meses) e Davi (11 meses) na rede, mas seus olhos observam Edson que faz beicinho, chora e deita virado com o rosto para baixo no bebê conforto. A professora o chama: - Edson, tudo bem? Ele não reage, permanece deitado, imóvel. A professora então se aproxima e percebe que ele está cochilando. Olha sua fralda, percebe que está suja e indica que irá trocá-lo. Com delicadeza o pega no colo e pergunta se ele ficou magoado por ela não ter vindo antes. Em seguida comenta que não deve ter ficado, pois se encolheu no colo. A conversa que ela explica que irá trocá-lo acontece com ele de olhos fechados. Com gestos calmos o corpo de Edson é tocado. (Diário de campo, 13 jun. 2016).

As necessidades biológicas dos bebês evidenciam-se em suas ações, assim, é necessário perceber os indicativos que são expressos. Esse registro nos convida a refletir o quanto não basta apenas que as necessidades físicas e biológicas dos bebês possam ser supridas, mas que estejam asseguradas e respeitadas nesse encontro social. Essa premissa surge pelo fato de que a maneira como nos ocupamos do bebê, o modo de estarmos juntos, faz toda a diferença em seus processos de subjetivação. Nos termos de Sousa, Miguel e Lima (2010, p. 13), “um modo de estar- no- mundo que reúne, em um só tempo, o princípio ético da importância do outro, do sentir em comum, do estar-junto-com, afectando-se e deixando-se afectar pela presença viva deste outro em relação”.

O sono que é acionado pelo corpo de Edson revela que existe uma singularidade que necessita ser respeitada, contudo, a presença da professora em revelar-se preocupada para que Edson não tenha uma experiência negativa por sua ausência, indica de modo muito peculiar, o quanto ela se importa com a constituição deste outro, marcada pelo cuidado. Assim, o cuidado, nesse sentido, é condição para a nossa constituição desde o início da vida para que se possa compartilhar da vida social. É uma atitude de responsabilidade para com a sua/nossa existência.

Notadamente quando as professoras constroem com os bebês uma relação de atenção e cuidado, a convivência vem atravessada de uma pluralidade de vozes e acontecimentos reveladoras do quanto as relações estão encharcadas de sentidos.

Paulo (11 meses) está em pé apoiado na mesa. Ao seu lado a professora está ajoelhada colocando um casaco em Yasmim (1 ano). Ele chora, “conversa”, bate com a mão na mesa. Logo ouço: - Vem cá Paulo, vem, estás aqui faz tempo querendo descer, ninguém percebe né? Ela o ajuda a descer e ele continua demonstrando estar descontente. Informada que ele ainda não jantou, a professora, ao pegá-lo no colo, percebe que ele está com cocô, comentando em seguida: - Vamos trocar primeiro né Paulo? Não dá para comer desse jeito. Tem que ficar limpinho. Quando termina de trocá-lo avisa que vai esquentar a comida,

pois está muito gelada. Ao vê-la chegar na sala, Paulo tira o bico e este ato é compreendido pela professora que indica em seguida: - Tu já sabes né, vai comer! (Diário de Campo, 9 jun. 2016).

Paulo convoca a professora a estar em uma relação educativa-pedagógica, fato que se evidencia de que toda relação com o outro implica na constituição tanto do outro quanto de si mesmo. Nesse sentido, “[...] o educativo como dimensão ampla que implica estendê-lo para além da sala de aula, das práticas escolares e das instituições formais de escolarização” (WORTMANN, 2007, p. 77) está tramado à docência, implicada em uma reflexividade. Nessa relação educativa – pedagógica o cuidado de si e do outro é forjado por este lugar da docência, na inscrição da professora a este lugar social. Um cuidado que questiona a docência, sua mirada, seu fazer, sua posição e que, portanto, é construído nas relações. Paulo também provoca, desafia. Uma docência que é permanente e se faz na relação, não autoriza agir de outra forma que não seja ética, cuidadosa, portanto, importar-se por ele estar em pé, preocupar-se em trocá-lo antes de jantar e esquentar a janta, porque está fria.

O CUIDADO EM LINHAS (IN)TOCÁVEIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O cuidado não se encontra apenas no campo de quem assiste ao outro, mas, implica em uma relação que se despoja enquanto uma dimensão que perpassa toda a relação educativa – pedagógica, ou seja, é uma dimensão ética. Esse entendimento foi demarcador para compreender os conceitos que foram sendo incorporados na empiria, por conta de que tanto os bebês quanto suas professoras afetam e são afetados em suas relações. Sobre isso, compreende-se que os bebês interrogam as professoras, bem como a própria área da Pedagogia com questões que ainda não conseguimos mensurar. Tais indicativos provêm dos modos próprios dos bebês de se organizar e de estabelecer relações. Eles indicam que estão para além de uma homogeneidade caracterizada por uma centralidade nas ações das professoras e que burlam esses aparatos de uma docência universal, o que nos permite afirmar que o cuidado, enquanto uma dimensão ética se faz na/pela relação.

Os bebês nos afirmam sua potência no modo de viver e de constituir-se na sua humanidade. Vivem no tocante à vida, naquilo que resiste, nas dobras, no imensurável. Nas possibilidades outras de serem sempre inventivos. Assim, nessa vida que vai sendo vivida, experienciada, os bebês se aproximam a infância – experiência, algo que não

está descolado, mas que necessita dessa paragem para ser atualizada. A etnografia pode nos ajudar nesse olhar, porque questiona o pensar, questiona nossa docência.

São as relações que os outros têm com o bebê que promoverão a ele a percepção de si, sendo assim, para os bebês que estão em um espaço de educação coletiva, como interrogam e mobilizam a experiência do adulto? Como interrogam um cuidado universal lhes dando outros contornos? Quanto a isso também é relevante pensar nesse corpo, que em prol de um perfil protetivo – historicamente vivido e acionado nos espaços de Educação Infantil –, retira-se experiências significativas dos bebês sob uma condição de um corpo governado/cuidado. Os bebês necessitam estarem próximos dos adultos, bem como só existe uma ação docente apoiado em um outro, neste caso, o bebê, portanto, essa relação de interdependência constitui os modos pelos quais a ética do cuidado se faz na relação.

Assim, através do cuidado, esses modos singulares dos pequeninos apresentam uma gama de interlocução, todas vividas de modo muito intenso em sua vida em potência. Aqui também os bebês nos dão pistas para que o cuidado seja relacional, porque os bebês falam, “mas seria a fala humana propriamente verbal? Ou o verbal seria aquilo que resta, quando às linguagens humanas se vai progressivamente amputando outras possibilidades e potencialidades, algumas para nós sequer reconhecíveis? (LOPES; MELLO, PEREIRA, 2019, p. 545).

A percepção do bebê enquanto um ser único, curioso e que se expressa por um corpo que é vivo só é percebido a partir das suas relações com o outro que lhe atende, que o acolhe e que o reconhece na sua singularidade, portanto, vital para que os bebês instaurem modos outros de serem percebidos em sua inteireza. Portanto torna-se fundamental pensar nesse bebê, em seu inacabamento, não a partir de um discurso pedagógico da falta, mas enquanto potência e que instaura outros modos de pensar à docência com/para os bebês em espaços coletivos de educação. Uma docência comprometida na constituição desse outro a partir de uma ética do cuidado que respeita e o reconhece enquanto sujeito de direitos.

Assim, os bebês revelam a necessidade de alargar o modo monocromático de olhar. Atualizam nossos saberes a partir de suas narrativas, suas linguagens. Interrogam uma prática que tende a ser homogeneizadora, e é desse modo que as inquietudes e as permanentes perguntas não se esgotam, na direção do cuidado em linhas (in)tocáveis, afinal, somos mesmo capazes de viver sem interrogar?

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF, MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 dez, 2009.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade** [recurso eletrônico] tradução Rane Souza. - 1.ed. - São Paulo, Boitempo, 2020.

COUTINHO, Ângela Scalabrin. A ação social dos bebês a partir da teoria compreensiva de Max Weber. In: TEBET, Gabriela (Org.) **Estudos de bebês e diálogos com a Sociologia**. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 49- 63, 2019.

CORAZZA, Sandra. M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos I**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

FERREIRA, Maria Manuela; LIMA, Patrícia de Moraes. **Infância e Etnografia**: dialogia entre alteridades e similitudes. Florianópolis, SC, 2016.

FERREIRA, Maria Manuela; NUNES, Ângela. Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, 20(41), 103-123, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Hermenêutica do sujeito**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GALLO, Silvio. Filosofia e o exercício do pensamento conceitual na educação básica. **Educação e Filosofia**, 22(44), 55-78, 2008.

GIL, José. **Monstros**. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.

GOTTLIEB, Alma. **Tudo começa na outra vida**: a cultura dos recém-nascidos no Oeste da África. São Paulo: Editora da Unifesp, 2013.

GUIMARÃES, Célia Maria. A história da atenção à criança e da infância no Brasil e o surgimento da creche e da pré-escola. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 80-142, set./dez. 2017.

KRAMER, Sônia; NUNES, Maria Fernanda Rezende; PENA, Alexandra. Crianças, ética do cuidado e direitos: a propósito do Estatuto da Criança e do Adolescente. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, e237202, 2020.

LIMA, Patrícia de Moraes. Prefácio In: ABREU, Bárbara Cecília Marques; DORNELLES, Leni Vieira. **Bebês como potência de vida**: corporeidade e sensorialidade na Educação Infantil. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 15- 18, 2021.

LOPES, Jader Janer Moreira; MELLO, Marisol Barenco de; PEREIRA, Luíz Miguel. Balbuciar na própria língua para, enfim, escutá-la: Bebês, Babel e geohistórias de um mundo. In: TEBET, Gabriela (Org.) **Estudos de bebês e diálogos com a Sociologia**. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 541- 567, 2019.

MACÊDO, Lenilda Cordeiro de; DIAS, Adelaide Alves. O cuidado e a educação enquanto práticas indissociáveis na educação infantil. In: **REUNIÃO NACIONAL DA ANPEd**, 29, Caxambu, 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. 17 nº 49, p. 11-29, junho/2002.

MARANHÃO, Damaris Gomes. **O cuidado como elo entre a saúde e a educação**: estudo de caso realizado no berçário de uma creche. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de São Paulo: São Paulo, 1998.

MARANHÃO, Damaris Gomes, SARTI, Cynthia Andersen. Cuidado compartilhado: negociações entre famílias e profissionais em uma creche. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, 11(22), 257-270, 2007.

MONTENEGRO, Thereza. Educação infantil: a dimensão moral da função de cuidar. **Psi. da edu.**, São Paulo, 20, 1º sem. de 2005, pp. 77-101.

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova Sociologia da infância. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.141, set./dez. 2010.

ROSEMBERG, Fulvia. A cidadania dos bebês e os direitos de pais e mães trabalhadoras. In: FINCO, Daniela; GOBBI, Marcia Aparecida; FARIA, Ana Lúcia Goulart (orgs). **Creche e feminismo desafios atuais para uma educação descolonizadora**. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Fundação Carlos Chagas – FCC, 2015, 188p.

SCHÉRER, René. **Infantis Charles Fourier e a infância para além das crianças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas**: contornos da ação docente. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2014.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? {tradução, Giane LESSA}. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SKLIAR, Carlos. **Experiências com a palavra**: notas sobre linguagem e diferença. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012. 188p.

SOUSA, Ana Maria Borges de; MIGUEL, Denise Soares; LIMA, Patrícia de Moraes. **Módulo I: gestão do cuidado e educação biocêntrica**. Florianópolis: UFSC/CED/NUVIC, 2010.

TIRIBA, Lea. **Educar e cuidar ou, simplesmente educar? Buscando a teoria para compreender discursos e práticas**. GT: Educação da Criança de 0 a 6 anos / n.07. p. 1-17, 2005.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1995.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Análises Culturais: Um modo de lidar com histórias que interessam à educação. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos II**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 71-90, 2007.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

O CUIDADO ENQUANTO ÉTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ETNOGRAFIA COM BEBÊS EM CONTEXTO COLETIVO DE EDUCAÇÃO

Care as an ethics in Early Childhood Education: an ethnography with babies in collective context of education

Jacira Carla Bosquetti Muniz

Mestre em Educação
Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Educação
Florianópolis, Brasil
jacirabosquetti@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8448-0213>

Patrícia de Moraes Lima

Doutora em Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil
patricia.demoraeslima@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6565-4852>

Cristina Teodoro

Doutora em Educação
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)
Curso de Pedagogia do Instituto de Humanidades e Letras
Salvador, Brasil
cristina.teodoro@unilab.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-0850-4014>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Av. Buriti, n 680, ap. 704, Bloco B. Itacorubi, Florianópolis-SC/ Brasil CEP: 88034-500

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: J. C. B. Muniz, P. M. Lima, C. Teodoro

Coleta de dados: J. C. B. Muniz, P. M. Lima, C. Teodoro

Análise de dados: J. C. B. Muniz, P. M. Lima, C. Teodoro

Discussão dos resultados: J. C. B. Muniz, P. M. Lima, C. Teodoro

Revisão e aprovação: J. C. B. Muniz, P. M. Lima, C. Teodoro

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Foi obtido o consentimento escrito dos participantes.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

O projeto desta pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC) sob o nº 550888.16.0.0000.0121 em 01/08/2016.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 07-08-2022 – Aprovado em: 26-09-2022